



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

ENSINO DE GEOGRAFIA: CONSTRUINDO SABERES COM O EDUCANDO DEFICIENTE VISUAL

Tassia Farencena Pereira, UFSM

RESUMO:

A formação acadêmica nos proporciona diversas oportunidades de práticas de ensino/aprendizagem, que servirão de experiência para nos prepararmos e refletirmos sobre nossa futura atuação profissional. Uma das oportunidades dadas é a entrada em sala de aula antes da conclusão do curso de licenciatura. Atuando como educadora de Geografia em um cursinho coletivo de educação popular, deparo-me com educandos com necessidades educacionais especiais. Um grande desafio, pois como trabalhar com educandos com deficiência visual a Geografia uma disciplina que por muitas vezes utiliza o sentido da visão para explicar seus conteúdos, como adapta - lá de modo que seus conhecimentos sejam compreendidos por todos os educandos. Uma alternativa é o desenvolvimento recursos didáticos que auxiliem e atendam as necessidades de cada indivíduo, o qual com a mediação do educador promoverão o aprendizado dos conteúdos pelo educando, um passo dado rumo a uma educação mais inclusiva.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Deficiência visual, Recurso Didático.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu da experiência de ensinar geografia a um educando com deficiência visual, aonde se identificou a carência de recursos didáticos que auxiliassem e possibilitassem a melhor compreensão de conteúdos que envolvem essa disciplina.

De acordo com o Ministério (MEC), uma proposta de ensino de Geografia ao buscar desenvolver a autonomia dos educandos, tem que instrumentá-los a refletirem, serem criativos e pesquisarem informações sobre o mundo e também exige tomada de decisões. O educando tem que se tornar capaz de recriar o que foi aprendido tornando-se capaz de construir um discurso que conduza a ações de intervenção na sociedade, no campo das relações humanas, sociais políticas, econômicas, culturais, do direito ao trabalho, à terra, à educação etc.

A ciência geográfica apresenta-se como uma disciplina muitas vezes complexas para o entendimento dos educandos, contemplando conceitos considerados por vezes abstratos, explorando a análise de imagens, fazendo uso de gráficos para esclarecer seus conteúdos, entre tantas outras maneiras de ensino que contemplam principalmente o sentido da visão. E fica um questionamento como adaptar essa disciplina para contemplar com seus conhecimentos educandos com deficiência visual, uma vez que se encontra cada vez mais presente essa realidade em nossas salas de aula.

É interessante ressaltar, que a educação de educandos com necessidades especiais que tradicionalmente se baseava em um modelo de atendimento especializado e segregado tem se dirigido, nas últimas décadas para a chamada Educação Inclusiva. De acordo com a Declaração de Salamanca (1994) o princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os educandos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. A política de inclusão de educandos que apresentam necessidades especiais na rede regular de ensino visa garantir, não apenas a permanência física desses educandos na instituição escolar, mas tem como propósito rever concepções e paradigmas, respeitando e valorizando a diversidade, exigindo assim, mudanças na escola, com a criação de espaços inclusivos.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A procura de um ensino de qualidade para todos, exige da instituição escolar novos posicionamentos que implicam num esforço de atualização e reestruturação das condições atuais, para que o ensino se renove e para que os educadores se aperfeiçoem, adequando as ações pedagógicas à diversidade dos aprendizes.

Coaduna-se ao contexto da escola inclusiva, a tentativa do educador solucionar as necessidades educacionais identificados em/ou por seus educandos. Como foi o caso que originou esse trabalho.

Em um diálogo estabelecido com meu educando com deficiência visual, discutíamos à respeito de seu processo de ensino em Geografia durante sua trajetória no ensino regular, quais eram suas maiores carências e dificuldades encontradas nas aulas, destacou-me desse modo o ensino de gráficos trabalhados apenas de forma oral, o que tornava difícil a sua compreensão, sem o auxílio de um recurso que apresenta-se o conteúdo de uma forma concreta.

Por deficiência visual entende-se que:

[...] Há inúmeros tipos e causas de cegueira ou deficiência visual, mas, em geral, dividem-se em cegueira total e baixa visão. A primeira é a ausência total de visão e percepção luminosa. Nesse caso, o processo de aprendizagem buscará outros sentidos, como o tato na leitura e na escrita em Braille, pegando objetos do dia-a-dia, sentindo o espaço pelos passos, sons, cheiros, temperaturas e outras sensações. O outro estágio de deficiência visual é chamado baixa visão; percebe-se a luminosidade, vultos e formas, entre outros estímulos. Neste caso, os deficientes visuais (DVs) buscarão outras formas de estímulo do resíduo visual, que poderão ser através de cores fortes, como o amarelo em oposição ao roxo, entre outros recursos específicos (NOGUEIRA, 2009, p.178).

Visando sanar a dificuldade identificada por meu educando, procurei desenvolver materiais didáticos que me auxiliassem durante minhas aulas, mas principalmente que atendessem as suas carências e necessidades educacionais, elaborando assim gráficos táteis, constituindo climogramas e pirâmides etárias. Desta forma, o educando teria a possibilidade de acompanhar o conteúdo de uma maneira mais facilitadora para o seu aprendizado. Uma vez que: A aprendizagem que conquistamos e que nos transforma jamais vem de fora para dentro. O professor,



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

portanto, não deve apenas informar conceitos geográficos, e sim ajudar o aluno a aprender (Selbach, 2010, p.21).

O objetivo do presente trabalho é apresentar um relato de experiência acadêmica, uma vivência de educação inclusiva, onde foram construídos materiais didáticos “gráficos táteis”, com intuito de promover um efetivo processo de ensino/aprendizado no ensino de geografia, direcionado a atender as necessidades educacionais de um educando com deficiência visual.

Destacando que, quando se pensa em material didático, pensa-se em instrumentos que facilitem o processo educacional, corroborando uma educação democrática, na qual o professor constrói junto com o aluno o conhecimento (FREIRE, 1996).

Deste modo, para o aluno com deficiência visual a utilização de materiais concretos torna-se imprescindível, pois é o concreto, o palpável, seu ponto de apoio para as abstrações. Ele tem no tato seu sentido mais precioso, pois é através da exploração tátil que lhe chega a maior parte das informações. É através dela que ele tem a possibilidade de discernir objetos e formar idéias. As mãos, dessa forma, têm um papel fundamental, pois são elas que vão suprir, de certa maneira, a “deficiência” dos olhos.

METODOLOGIA

A metodologia adotada baseou-se em orientações dadas pelo educando, bem como pela identificação de suas maiores dificuldades referentes aos conteúdos trabalhados em Geografia, elencando entre eles os que envolviam explicação através de gráficos.

Como o intuito do trabalho era a construção de gráficos para que o educando com deficiência visual conseguisse ter a compreensão daquilo que o educador estava explicando oralmente para turma através do quadro-negro. Para ele foram confeccionados em várias folhas diversos climogramas referentes à todos os climas



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

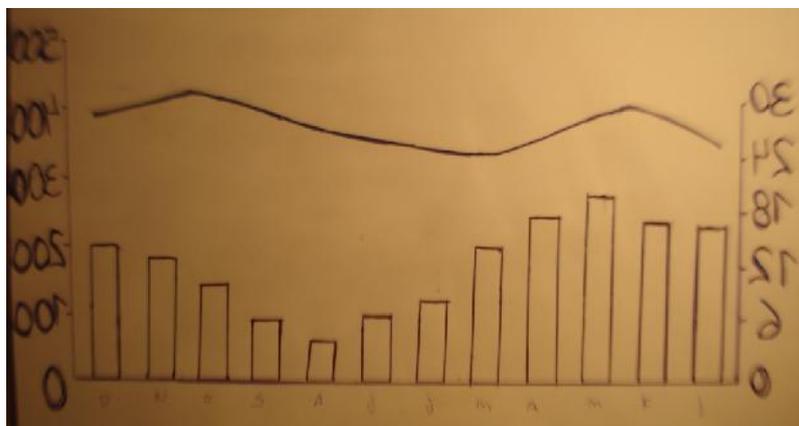
30 de julho a 01 de agosto de 2014

discutidos em aula, bem como também o desenho de diversas pirâmides etárias representando diferentes tipos de composição populacional.

Para serem confeccionados os gráficos, foi utilizada como base uma folha EVA, várias folhas de papel de desenho (espessura mais grossa) em tamanho A4, uma régua e caneta. Foram desenhados os gráficos na folha de papel que apoiada na folha de EVA, deixavam no papel os traçados marcados em alto relevo. Os desenhos foram feitos ao contrário, ou seja, feitos da direita dos desenhos para esquerda, e os números eram desenhados também de forma espelhada, pois desta maneira quando as folhas eram viradas do lado contrário, estavam marcados os gráficos em alto relevo, e os traçados se apresentavam da maneira correta. Assim, através do tato o educando com deficiência visual conseguia interpretar os gráficos desenhados.

Abaixo, fotos de dois exemplos dos gráficos confeccionados

a)



(Climograma da Manaus (AM) 1961-1990, esquema feito do lado inverso da folha)



(Climograma de Manaus Tátil, resultante do esquema ilustrado acima)

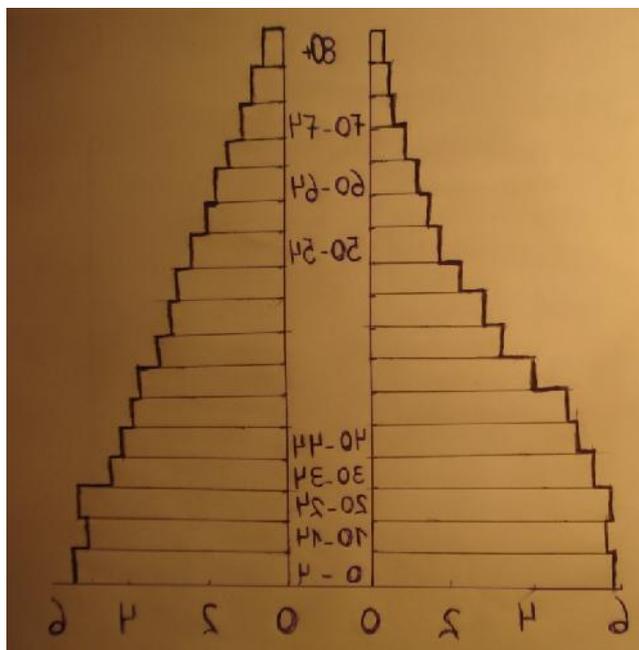


VI FIPED

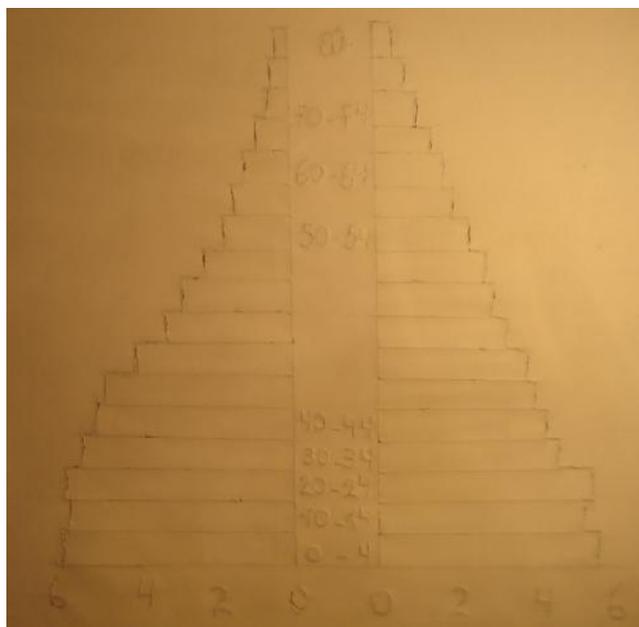
FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

b)



(Pirâmide etária de um país subdesenvolvido, esquema feito do lado inverso da folha)



(Pirâmide etária Tátil, resultante do esquema ilustrado acima)



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

RESULTADOS

Os resultados obtidos através da confecção dos gráficos táteis foram muito positivos para o processo de ensino/aprendizado do educando foco da pesquisa, por meio de seu contato com os recursos conseguiu compreender de maneira rápida e eficiente os conteúdos abordados neles. Durante as explicações das aulas de clima e de população, com o apoio dos gráficos o educando com deficiência visual, participava ativamente das aulas, expunha suas opiniões e também respondia aos questionamentos feitos, indicadores que comprovaram a eficiência dos gráficos táteis para o ensino de Geografia. Esses recursos apresentaram-se também como um meio de favorecer a inclusão, pois através de sua aplicação o educando com deficiência visual estava incluído à turma tendo acesso aos mesmos conhecimentos que os demais, porém ele recebia esses saberes através de seu sentido tátil e os demais recebiam os conhecimentos através do sentido da visão.

A elaboração desses recursos envolveu matérias de fácil acesso e baixo custo, o que demonstra que não é complicado adaptar uma aula para atender a um aluno com necessidade educacional especial, basta que o educador se empenhe e busque alternativas, objetivando promover a melhor maneira de construir o conhecimento de seu educando.

A experiência contribuiu de forma significativa tanto para o educando quanto para mim como educadora, para ele resultou na compreensão de conhecimentos que contemplam a ciência geográfica, para mim trouxe um aprendizado inestimável, aprendi muito com as orientações dadas por esse educando, resultando na compreensão de conhecimentos que contemplam a arte da docência.

CONCLUSÕES

O processo de formação acadêmica oferece ao docente do curso de licenciatura plena em Geografia, grandes oportunidades de vivenciar realidades diversas, dentre elas a da experiência antecipada em sala de aula, que nos possibilita perceber a realidade escolar que está posta hoje ao sistema educacional.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A relação com as diferentes experiências envoltas na formação do educador oportuniza a identificação de muitas fragilidades nos processos de ensino-aprendizagem, principalmente no que tange ao cumprimento da formação de educandos com necessidades especiais, muitas vezes há uma lacuna na relação educador-conhecimento-educando.

Em um diálogo com um educando deficiente visual, a respeito do seu processo de aprendizagem em Geografia, sobre quais eram suas maiores dificuldades, durante sua trajetória escolar, percebeu-se que faltavam recursos aos educadores de Geografia para explicar alguns conteúdos facilmente identificados por educandos que tinham visão e de difícil compreensão para aqueles que não a detinham. Como exemplo a análise de gráficos, de mapas, aspectos referentes à percepção da paisagem.

Comprovando assim, o quanto os educadores de Geografia precisam pensar e discutir a adaptação dos conteúdos dessa disciplina, para atender a heterogeneidade de indivíduos que está posta nas salas de aula de todos os níveis de ensino, para que assim o processo de ensino e aprendizagem seja completo atendo a todas as especificidades e necessidades dos educandos.

De acordo com própria legislação brasileira no processo de ensino todos os educandos têm direito as mesmas oportunidades de aprendizagem, cabendo ao educador proporcioná-las aos seus alunos, buscando atender da melhor maneira possível as especificidades de cada um. Como afirmaram Oliveira e Leite (2007, p. 519) “[...] a escola inclusiva é aquela que não precisa de adjetivações, pois une educação comum e especial, considerando as necessidades dos alunos durante todo o processo de escolarização, através de uma educação diferenciada”.

Sendo assim, é de extrema importância o desenvolvimento de recursos didáticos que auxiliem no ensino de educandos com necessidades educacionais especiais, uma vez que o Brasil vem adotando políticas de educação inclusiva, e a formação dos educadores ainda não conseguiu atender esta mudança. Desta maneira, toda e qualquer contribuição que se possa dar para construir uma educação de melhor qualidade, é muito bem vinda. Espera-se que esta pesquisa tenha contribuído com reflexões no processo de ensino-aprendizagem e que outras pesquisas possam vir a ser realizadas nesta temática.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

REFERENCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NOGUEIRA, E. Ruth (org.). *Motivações hodiernas para ensinar geografia: representações do espaço para visuais e invisuais*. Florianópolis: [s.n.], 2009. 252p.

OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio e LEITE, Lucia Pereira. *Construção de um sistema educacional inclusivo: um desafio político-pedagógico*. In: **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 57, p. 511-524, out./dez. 2007.

SELBACH, Simone (supervisão geral). *Geografia e Didática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010 (Coleção Como Bem Ensinar/ coordenação Celso Antunes) Vários autores.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Geografiaparte2de6.PDF>.
Acesso em: 08 de junho de 2014.